

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quomabana

DATA: 25/06/1958 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: Serpa segue hoje

ASSUNTO: Breve notícia da viagem de Ivan.

BRASIL — QUARTA-FEIRA, 25 DE JUNHO DE 1958 |

ARTES VISUAIS

Sociólogos "versus" Pintores

Mário Pedrosa

Gilberto Freire, em artigo num dos jornais desta cidade, faz reparos ao livro do Professor Roger Bastide, **Brésil, Terre des Contrastes**, pelas "influências" que nele notou "dos intelectuais paulistas, com os quais o sociólogo francês conviveu durante muito tempo. O protesto ao sociólogo pernambucano diz respeito à deformação interpretativa que toma um Sul "em tudo progressivo" e "um Norte apenas pitoresco e folclórico".

Para comprovar sua crítica, Gilberto Freire se apegou ao problema da pintura. O Professor Bastide, reclama, faz de Porti-

nari o iniciador "de um movimento de modernização de técnica de pintura — o mural — voltada para assuntos brasileiros de modo épico". Ora, para Freire, esse "movimento de modernização", etc. "foi, entretanto, iniciado no Recife, por brasileiros do Norte". E explica: "Foi do Recife que partiu o clamor a favor dessa pintura como que monumental, sob a inspiração do exemplo dos murais mexicanos e da pintura de Figeri; e sugerindo-se os assuntos que Portinari adotaria anos depois: o trabalho nas plantações de açúcar e de café", etc.

Quando Gilberto Freire voltou dos Estados Unidos, ainda moço, iniciou pelas colunas do **Diário de Pernambuco** um movimento literário que se dizia "tradicionalista". No artigo ora aqui comentado, ele manda, a quem duvidar de sua afirmação, ler, "ler ensaios sobre o assunto aparecidos no Recife desde 1924". Pode o mestre de Apicucos ter tido a primazia no sugerir assuntos brasileiros, em 1924, para os pintores brasileiros de então. O Professor Bastide, porém, pela própria citação de Freire, não fala de prioridade quanto à sugestão de assuntos, mas sim "de modernização de técnica de pintura" e dá, então, a Portinari a honra, que ninguém, aliás, lhe pode tirar, de ter sido o iniciador desse movimento de modernização de técnica, isto é, do mural. Em arte o que conta é a realização. Portinari foi o iniciador do muralismo brasileiro moderno. Isto é um fato, e está acabado. O problema do assunto é, porém, muito menos relevante, pois antes de Portinari, antes mesmo de Gilberto Freire, antes até de Monteiro Lobato, Almeida Júnior fez do assunto deliberadamente brasileiro o significado mesmo de sua obra. E Debret?

Depois desse reclamar de prioridade, o eminente autor de **Casa Grande & Senzala** protesta contra outra "generalização precária" do seu colega francês. Para este, ainda segundo o escritor pernambucano, "os pintores de Pernambuco, salvo exceção, seriam telúricos e folclóricos; os de São Paulo, experimentais e dinâmicos". Aqui, o caso se complica — pois é realmente difícil saber-se exatamente o que é um pintor telúrico ou dinâmico. Mas Gilberto Freire não critica a generalização precária, nem muito menos a classificação literária, não pictórica, dada pelo sociólogo francês. Ao contrário, reclama para um grupo de pintores do Recife, incluindo nesses pintores ainda jovens em formação, de hoje, e pintores mais velhos, já formados, da geração dita modernista. Ele não admite que os de sua terra sejam apenas "telúricos ou folclóricos", os quer também "dinâmicos e experimentais". E assim mistura um Emilio Cardoso Aires, já falecido, os irmãos Régio Monteiro, perfeitos sobreviventes de uma geração, com Cícero Dias e este com Luís Jardim, e mais o jovem Francisco Brennand, cujo mural no horrível aeroporto de Recife não é nem telúrico, nem dinâmico nem experimental, mas, no máximo, folclórico e com diversas influências, inclusive da estrangeira e do mestre Portinari. Quanto à omissão do nome de Cícero Dias, do livro do Professor Bastide é, com efeito, inexplicável, mas não porque Picasso o considere "superior a Portinari", por achar a sua pintura experimental e dinâmica, na técnica (?) e telúrica e regional nas suas raízes. Picasso não sabe nem aprecia nada disso, e é mais provável que ele goste do nosso Cícero mais como pessoa do que como pintor. Todo mundo sabe que ele detesta teorias, e não vai com a arte abstrata. O que torna inexplicável e até escandalosa a omissão do nome de Cícero no livro do Sr. Bastide, é porque, uma vez que o sociólogo se meteu a falar da nossa pintura e a interpretá-la, demorar-se sobre a obra pictórica de Cícero, ou, pelo menos mencioná-la, era coisa obrigatória. Dias é uma das figuras marcantes de todo o modernismo brasileiro.

NOTICIÁRIO



SERPA SEGUE HOJE

Segue hoje (por mar) com destino à Europa o pintor Ivã Serpa, prêmio de viagem ao estrangeiro do VI Salão Nacional de Arte Moderna. Um dos mais importantes artistas da nova geração de pintores brasileiros, Ivã Serpa já participou de inúmeras exposições coletivas e realizou individuais dentro e fora do País, tendo se imposto ao mesmo tempo pelos cursos de arte infantil que ministrou. Serpa fará uma exposição em Madrid (colagens e óleos) e possivelmente outra em Barcelona, onde seguirá para Paris. Pretende visitar a Holanda, a Bélgica, a Itália e mais alguns países que ainda não estão definitivamente no programa.

ARTE JAPONESA (INFANTIL) NO MEIER

A exposição de arte de crianças japonesas aberta no Museu de Arte Moderna se mudará para o Instituto de Arte Infantil do Meier. É essa a primeira exposição do IAIM, que pretende organizar mostras também em sua sede, de pintores representativos da arte brasileira contemporânea.

ARTE RELIGIOSA HISPANO-AMERICANA

O Sr. Gláudio del Valle Henry anuncia que vai expor (sem data marcada ainda) na Galeria Aleijadinho, à Rua Barata Ribeiro, 507, uma coleção de sua propriedade de obras da Escola Cuzquenha, do Peru. Segundo o colecionador, trata-se de peças de alto valor, pelo gênero, época e estilo a que pertencem. A exposição intitula-se: "Pinturas religiosas hispano-americanas, sec. XVII-XVIII".